

### Copom reduz o ritmo de queda da Selic

Depois de reduzir a taxa Selic em 0,5 ponto percentual por seis vezes consecutivas, o Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) promoveu um novo corte, mas com intensidade menor. A queda, que foi de 0,25 ponto percentual (p.p), levou a Selic de 10,75% a.a para 10,5% a.a. Esta é a menor taxa desde dezembro/21. Desde o início do ciclo de redução, em agosto/23, até o momento, a Selic já caiu 3,25 p.p.



Fonte: Banco Central do Brasil.

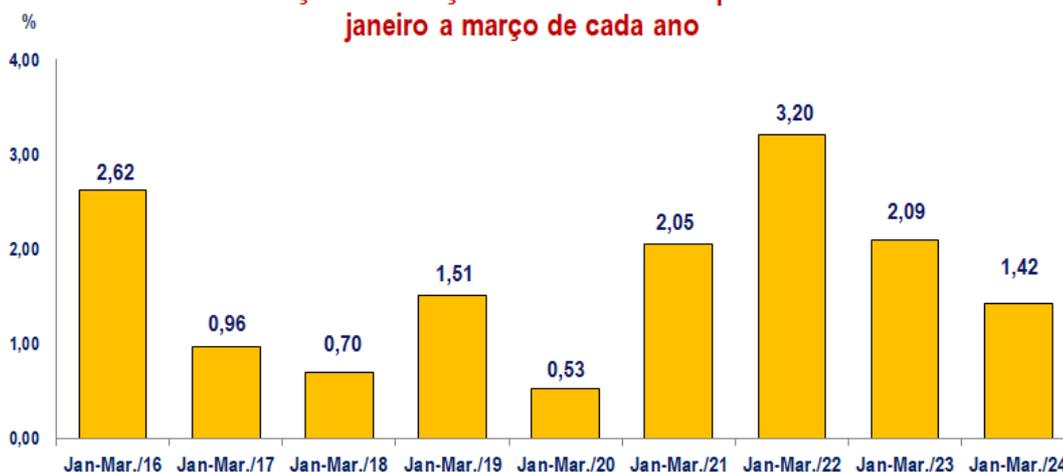
Não era consenso entre os analistas do mercado financeiro que os juros reduziriam 0,25 p.p.. Alguns esperavam que o Colegiado mantivesse o ritmo dos meses anteriores. Inclusive, em sua última reunião, realizada em março/24, o Copom sinalizou um novo recuo de 0,5 p.p.. Mas deixou claro que, para isso, o cenário precisaria estar de acordo com o aguardado.

Entretanto, as incertezas no cenário doméstico e internacional podem ter contribuído para ao menor ritmo de queda dos juros. As mudanças das metas fiscais para as contas públicas em 2025 e 2026, o que aumenta a expectativa de elevação nos gastos e mais pressão sobre a inflação é um fator de risco que está sendo considerado. Além disso, o Federal Reserve manteve, em sua última reunião, realizada no dia 1º maio, os juros americanos no patamar mais elevado dos últimos 23 anos (entre 5,25% a 5,50% ao ano). Dados da inflação americana acima do esperado continuam contribuindo para o adiamento do corte da taxa de juros nos Estados Unidos. Esta postergação gera preocupação com a desvalorização do real e os possíveis efeitos sobre a inflação. Os juros americanos em patamares elevados

proporcionam maior rentabilidade dos títulos públicos norte-americanos, considerados os mais seguros do mundo. Isso significa que eles são capazes de atrair mais investimentos, o que afasta investidores de países emergentes como o Brasil.

O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), calculado e divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e que é o indicador oficial de metas para a inflação no País, aumentou 1,42% no 1º trimestre de 2024, o que correspondeu a menor variação, para o período, desde 2020 (0,53%). Esta é uma boa notícia.

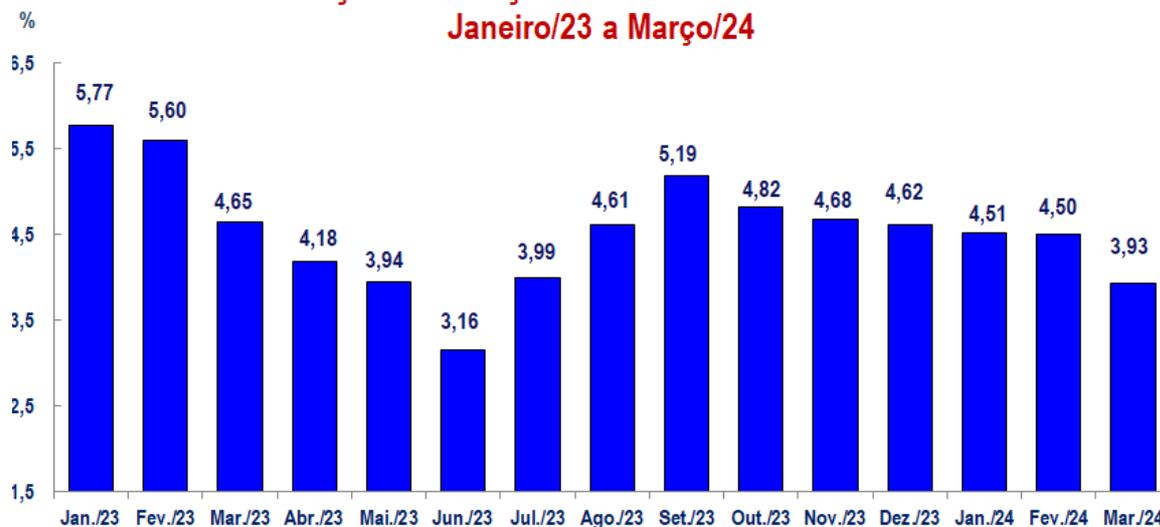
**IPCA - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE)**  
**Evolução da variação % acumulada no período**  
**janeiro a março de cada ano**



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Já nos últimos 12 meses, encerrados em março/24, o IPCA/IBGE aumentou 3,93%. As expectativas da pesquisa Focus, realizada pelo Banco Central, sinalizam que o referido indicador encerrará o ano em 3,72%. Vale lembrar que o centro da meta inflacionária para 2024 é de 3%, podendo variar 1,5 ponto percentual para baixo, ou para cima, para que ela seja considerada cumprida.

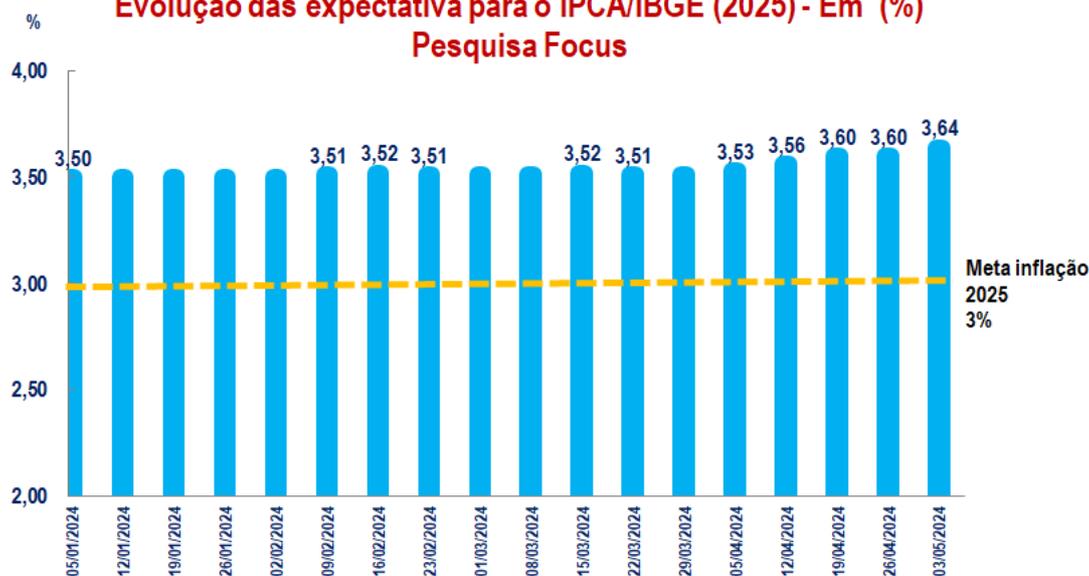
### IPCA - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE) Evolução da variação % acumulada em 12 meses Janeiro/23 a Março/24



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Para 2025 as estimativas para o IPCA estão ganhando força. A Pesquisa Focus, do dia 03/05, projetou que o indicador encerrará o próximo ano em 3,64%, ou seja, mais um com inflação acima do centro da meta.

### Evolução das expectativa para o IPCA/IBGE (2025) - Em (%) Pesquisa Focus



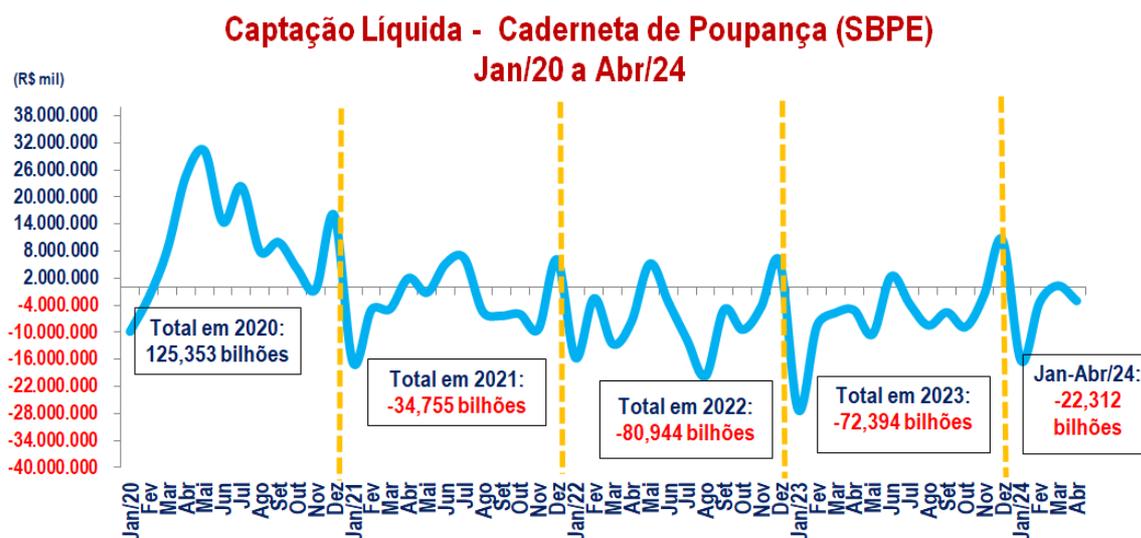
Fonte: Banco Central do Brasil - Boletim Focus.

Ainda em relação à inflação no Brasil vale destacar que a tragédia do Rio Grande do Sul, além de todo o triste impacto social e sanitário, poderá refletir nos preços da economia. A preocupação maior é com o arroz, já que o estado concentra 70% de toda a produção brasileira. Mas ele também é um importante produtor de trigo, sem contar a criação de frangos e suínos. Embora parte da colheita do cereal já tenha sido realizada, o seu escoamento poderá ser prejudicado. Apesar de ainda não ser possível dimensionar todo o impacto, alguns analistas já começaram a revisar as suas expectativas da inflação do País para 2024, principalmente do preço dois alimentos. Entretanto, é preciso considerar que os efeitos dessas altas podem ser passageiros e podem ser regularizados na medida em que as cadeias de oferta consigam se reestruturar.

No cenário internacional ainda preocupa o conflito do Oriente médio. O seu agravamento pode levar a aumento dos preços dos alimentos e energia em todo o mundo.

Diante das incertezas do cenário doméstico e também do internacional, já se assiste a revisões das projeções da Selic para o final de 2024. No início do ano esperava-se que a referida taxa encerrasse o ano em 9%. Agora a expectativa é de 9,63%.

Os juros elevados continuam afastando recursos da caderneta de poupança, importante fonte de financiamento imobiliário. Nos primeiros quatro meses de 2024 a captação líquida foi negativa em mais de R\$22 bilhões. Desde 2021, até abril/24, a caderneta de poupança já perdeu 210,406 bilhões. Este resultado acaba refletindo em menor disponibilidade de recursos para o financiamento da casa própria.



Fonte: Relatório de Poupança, Banco Central do Brasil.

A Selic elevada deixa os juros bancários ainda mais altos, afastam investimentos dos setores produtivos e pioram as contas públicas, em função do alto patamar das despesas com juros das dívidas. Em resumo, os juros altos não favorecem o desempenho da economia nacional e representam mais investimentos financeiros e menos renda e emprego, portanto, menor crescimento.

**Elaboração: Economista Ieda Vasconcelos**